

**PRODUÇÃO ARTÍSTICO-LITERÁRIA DE MÃES BRASILEIRAS EM  
TEMPOS DE PANDEMIA**

**ARTISTIC-LITERARY PRODUCTION OF BRAZILIAN MOTHERS IN  
PANDEMIC TIMES**

Fernanda Tonholi Sasso Curanishi<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Paraná

Karla Menezes Lopes Niels<sup>2</sup>

Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro

Isabela Melim Borges<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

Marciana Gonçalves Farinha<sup>4</sup>

Universidade de São Paulo

Siane Paula de Araújo<sup>5</sup>

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Carolina Rodrigues<sup>6</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Inseridos no contexto pandêmico de 2020, a realidade humana mudou drasticamente em todos os países do globo, não sendo diferente no contexto brasileiro. Submetendo-nos ao isolamento literalmente da noite para o dia, a realidade de mulheres-mães brasileiras viu-se, mais uma vez, sobrecarregada com o trabalho, a rotina doméstica, o cuidado com os filhos e o seu acompanhamento no ensino remoto, para dizer o mínimo. Nesse sentido, o conjunto de atribuições que sobrecarrega as mulheres impacta diretamente em se tratando de mães artistas e escritoras, cabendo ao grupo analisar de que formas esse impacto ocorre. Assim, trabalhamos para um melhor entendimento sobre como a produção artístico-literária poderia contribuir com a realidade pandêmica dessas mães hoje, considerando as situações de risco, segurança e solidão, bem como

---

<sup>1</sup> Docente na Universidade Estadual do Paraná/Campus Paranavaí. E-mail: fernanda.tonholi@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: karla.niels@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: isamelim74@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo. E-mail: farinhamarciana@gmail.com.

<sup>5</sup> Doutora em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais e Pós-doutoranda em Educação Tecnológica/ CEFET-MG. E-mail: sianeluhan@gmail.com.

<sup>6</sup> Mestranda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: carolina.rdelima@gmail.com.

compreender quais os sentidos e os significados que suas produções revelam em se tratando de atenuar os impactos psicossociais infligidos pelas novas configurações de vida e isolamento.

**Palavras-chave:** Pandemia; Literatura; Artes; Mães.

**Abstract:** Inserted in pandemic context of 2020, human reality has dramatically changed in all countries around the globe, being not that different in Brazilian context. Subjecting ourselves literally to isolation through the night to the day, the reality of Brazilian women mothers was, once again, overloaded with work, domestic routine, child care and monitoring in remote education, to say at least. In this sense, the set of attributions that overload women has a direct impact on artists and writers mothers, and it is up to the group to analyze in such ways this impact may occurs. Thus, we work for a better understanding of how artistic-literary production could contribute to the pandemic reality of these mothers today, considering situations that includes risks, security and loneliness, and also to understand the senses and meanings that their productions reveal to mitigating the psychosocial impacts inflicted by the new configurations of life and isolation.

**Keywords:** Pandemic; Literature; Art; Mothers.

**Submetido em 10 de dezembro de 2020.**

**Aprovado em 13 de março de 2021.**

## **Introdução**

Ao nos atermos na relação entre a produção artístico-literária e pandemia, somos conduzidos a pensar nos cataclismos pandêmicos e apocalípticos vastamente abordados pela ficção científica, especialmente no cinema. Recentemente, assistimos à disseminação do filme de Steven Soderbergh, *Contágio (Contagion)*, de 2011. Apesar de a produção de Soderbergh ser agora apontada como premonitória, a temática das grandes epidemias sempre foi vastamente explorada pela ficção científica e gêneros afins. Lembremo-nos, à guisa de exemplo, dos romances *A peste*, de Albert Camus; *Um Diário do Ano da Peste*, de Daniel Defoe; *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago; *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Márquez; *O Último Homem*, de Mary Shelley, e, até mesmo, do conto *Demônios*, de Aluísio Azevedo. Alegóricas ou não, tais narrativas parecem aos contemporâneos algo próprio dos gêneros do fantástico, do absurdo e do realismo mágico, por ser impossível de conceber, já que há algum tempo a humanidade não é afligida por uma pandemia como a da Covid-19 de consideráveis índices de mortalidade mundial. O sentido de doença, nesse contexto, traz para a vida e seus corpos a imposição de discursos e hábitos sanitaristas que requerem rígidos protocolos de isolamento e distanciamento social, bem como de higienização – de mãos, alimentos, ambientes e roupas.

Nem a mais recente contaminação global, a de H1N1, em 2009, matou tantos e demandou as mesmas práticas de biossegurança de agora, tais como a quarentena e o

*lockdown* (bloqueio total). O distanciamento social imposto mudou a rotina e as relações interpessoais reverberando na saúde mental das pessoas, com manifestações de estresse agudo, irritabilidade e ansiedade (BROOKS et al., 2020). Não bastasse isso, há ainda o estresse causado pelas medidas de higiene tomadas para diminuir o risco de contaminação como a exigência de uso de álcool gel, máscaras faciais, luvas descartáveis, termômetro infravermelho, *face shield* (protetor facial), higienização constante das mãos, do corpo, de compras e dos espaços. O medo do contágio só é superado pela dor da perda de entes queridos dos quais não podemos nos despedir e velar, dificultando o processo do luto (FIOCRUZ, 2020).

Nesse contexto, o presente estudo visa analisar obras de mães artistas e escritoras produzidas/publicadas nesse recorte temporal afetado pela pandemia da Covid-19 e suas implicações, buscando compreender de que modos a realidade afeta suas condições de produção, bem como averiguar os impactos psicossociais que o trabalho e suas produções desencadeiam. Assim, a arte passa a ser um duplo refúgio: o primeiro, de poder sair momentaneamente da realidade para produzi-la; o segundo, quando sua apreciação nos conforta e a fruição auxilia a enfrentar a dureza da realidade.

### **1 Arte e pandemia: algumas reflexões**

Em séculos passados a humanidade já esteve em situação parecida, senão pior. Basta lembrarmos da peste negra no século XIV e da gripe espanhola no início do século passado. Quando se vive a pandemia e a possibilidade da morte é iminente, a Literatura e as Artes tornam-se um meio de nos ajudar a passar pela pandemia. Um exemplo prototípico seria o *Decameron*, de Giovanni Boccaccio. A obra não apenas foi escrita durante a peste negra, como sua moldura mostra justamente a necessidade da Literatura (e por que não, das Artes em geral) para enfrentar um momento tão dificultoso. Trata-se de uma narrativa que conta a história de alguns jovens, isolados numa vila de Florença por causa da peste, que passam o tempo narrando contos uns aos outros. São 100 contos e 100 dias de isolamento.

E o que dizer da profusão e do fervor das Artes no início do século XX? Enquanto a gripe espanhola ceifava milhares de vidas, após a guerra já ter levado muitas, as vanguardas revolucionavam as Artes e a Literatura. Nesse sentido, vale lembrar do *Autorretrato após a Gripe Espanhola* (1919), de Edvard Munch, em que o artista plástico

se retrata adoentado, com cabelos ralos, a pele amarelada, sentado com cobertores ao colo.

Da mesma maneira que nos séculos precedentes, logo ao início da pandemia da Covid-19 e do isolamento social no Brasil, um grupo de jovens escritores independentes, do blog Poligrafia, publicou uma coletânea de contos autorais tematizando a pandemia, intitulada *Pandemia sob foco* (2020). Uma ação similar à que se empreende, no campo das Artes, na página do *Instagram* do CAM, *The Covid Art Museum*, que reúne produções visuais e audiovisuais de Arte produzidas por usuários da rede, mundo afora, durante a quarentena.

Em *Literatura em Perigo*, Tzvetan Todorov disse amar a Literatura porque ela lhe ajuda a viver. Além disso, o texto literário “[...] amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo [...]” (TODOROV, 2009, p. 23). Devido a esse caráter do texto ficcional, de nos permitir não apenas a fruição, mas também a reflexão, Antonio Candido (2017) defendeu a Literatura como um direito inalienável de todo e qualquer ser humano. Entendemos aqui Literatura como uma metonímia para a Arte.

Nesse sentido, para além da fruição e da fuga de uma realidade, Ernst Fischer nos diz que toda obra de arte “[...] é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular” (FISCHER, 1973, p. 17). Porém, concomitantemente, a Arte é capaz de superar essa limitação e, de dentro desse momento histórico, cria um novo momento (ou momentos) de constância no seu próprio desenvolvimento, e, é desse momento tão conturbado, inserida na pandemia da Covid-19, que a arte se recria e se desenvolve.

Imersas nesse contexto, as mulheres-mães<sup>7</sup> brasileiras, escritoras e/ou artistas, se deparam não apenas com os perigos e com os cuidados que a pandemia da Covid-19 demanda, mas têm, em sua realidade, mais esse impacto somado aos seus já sobrecarregados dias. Nesse sentido, cabe a essas mulheres todo o protocolo de prevenção

---

<sup>7</sup> Optamos pelo termo composto, ligado por hífen, em consonância com o uso que Ella Shohat faz do sinal diacrítico. Para ela, a “cadeia de hifens implica uma história complicada de identidades aglomeradas e pertencimentos fragmentados” (SHOHAT, 2002, p. 107). No trecho, a autora pensa nas relações migratórias, aqui estendemos o conceito de hifenização por ela apontado à cadeia de hifens que o feminino e o materno implicam.

à saúde sua e de sua família<sup>8</sup>, somados à rotina que elas já possuíam, como a ocupação da casa, dos filhos, de suas produções e, não raramente, há ainda a sobrecarga fruto do trabalho e da necessidade de prover seu lar. Dessa forma, nos indagamos de que maneira a produção artístico-literária poderia contribuir com a realidade pandêmica dessas mães hoje? Quais os sentidos e os significados que suas produções revelam em se tratando de atenuar os impactos psicossociais infligidos pelas novas configurações de vida e isolamento?

Do ponto de vista da Psicologia, temos que a Arte ajuda o indivíduo a fazer uma leitura da sua realidade objetiva, favorecendo a compreensão e elaboração humana (VYGOTSKY, 1999), possibilitando reflexões e elaborações do vivido e do sentido. Ela permite alterações no psiquismo do indivíduo e até uma reorganização psíquica. Nosso cérebro reage frente a manifestações artísticas e literárias com uma sensação de bem-estar, aumentando os níveis de dopamina – que é um neurotransmissor cerebral importante nas sensações de prazer e na modulação do humor e resiliência emocional.

No cotidiano, o sujeito interage com a realidade com um certo grau de consciência e de intencionalidade, em que afeta e é afetado pelo outro. Porém, o ritmo da vida cotidiana tem como marca o imediatismo e incompletude, não favorecendo questionamentos e reflexões, o que pode ocasionar repetições não conscientes.

Quando nos envolvemos com a Arte, em especial com as Artes Visuais, está implícita a necessidade de uma leitura sobre aquilo que foi ou está sendo produzido. Nesse sentido, temos que a leitura consta de uma atividade humana que é teorizada por diversos campos: educacional, literário, histórico-social, antropológico e psicológico, dentre os mais conhecidos. O que esses campos têm em comum é demonstrar uma articulação entre os sujeitos que participam do ato da leitura. Wolfgang Iser (1996), em título homônimo, afirma que a seleção e combinação das normas sociais e das normas literárias esboçam o objeto estético, que se atualiza no processo de leitura. Apesar de o autor voltar seu pensamento para a literatura, compreendemos a semelhança desse processo envolvendo a leitura e a interpretação também de outras artes. Assim, a leitura se volta para um objeto estético “à medida que o leitor tem de produzi-lo por meio da orientação que a constelação dos diversos pontos de vista oferece” (ISER, 1996, p. 180).

---

<sup>8</sup> O propósito do texto não inclui, neste momento, a problematização do cuidado e da saúde, cuja responsabilidade é relegada às mulheres-mães como estratégia.

Nessa perspectiva, propomos, através do processo de interpretação de objetos artísticos e literários produzidos durante a pandemia da Covid-19, no Brasil, refletir sobre a possibilidade que esses objetos possuem de nos ressignificar enquanto sujeitos providos de *ethos*, *pathos* e *logos* de pertencimento, em especial, das mães, escritoras e/ou artistas, mesmo que não os reconheçam. Além disso, consideramos que, diante disso, suas produções possam gerar um efeito estético e psicológico, cujos sentidos e prazeres possam ser compartilhados com os pares que com elas se identificam e se unem.

## **2 Poesia, pintura e suas interseções: uma proposta de leitura**

A importância das Artes (leia-se também Literatura), vai além de nos tirar da condição de solidão e de impotência, frutos da realidade de 2020. Conforme Hauser (1972, p. 553), “ao final de uma representação os espectadores não são mais os mesmos que eram no princípio”. A partir dessa perspectiva, evidenciamos que mais do que a fuga de uma realidade terrível, e além de nos lembrar da nossa condição de semelhantes, as Artes nos permitem, ainda, transformar-nos, e nos tornarmos versões ressignificadas do que éramos.

O estreitamento entre a Literatura e as Artes Visuais se dá a partir dos dizeres de Bamberger (1995), para quem ler é reconhecer símbolos. Uma vez reconhecidos, esses símbolos se transferem para conceitos intelectuais, em uma tarefa mental ampliada pelo processo reflexivo. Estes, por sua vez, se ligam a unidades de pensamento que também se voltam para o mundo real. Logo, é definível que a leitura que temos das Artes pode mudar nossa percepção acerca da realidade. Além disso, lembramos que, conforme Eco (1994), a leitura implica em um jogo por meio do qual estabelecemos sentidos com as situações que ocorreram, ocorrem ou ocorrerão no mundo real. Assim, “Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo” (ECO, 1994, p. 93).

Como forma de desvelar os sentidos e significados das produções dessas mães brasileiras, escritoras e/ou artistas, durante a pandemia, apresentamos uma breve análise de dois poemas e duas pinturas, totalizando quatro artistas. O objetivo dessas análises é buscar uma interpretação possível sobre como as artes visuais e a literatura podem atenuar os impactos psicossociais provocados pelo isolamento, suas adaptações emergenciais e higiênicas. O primeiro poema, “Aqui estou”, de Cintia Barreto<sup>9</sup>, mãe, poetisa e doutora

---

<sup>9</sup> Cintia Barreto é Doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ, coordenadora de pós lato sensu na UCAM e professora da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro. Desenvolve o projeto de incentivo à leitura literária “Conversa Literária”, que lhe rendeu o prêmio “Cultura + Diversidade” da Secretaria de Cultura

em Literatura Brasileira. O segundo poema “Vai Passar”, de Aline Maciel<sup>10</sup>, mãe, poetisa, e mestra em Letras.

Aqui estou.  
 Sinto muito.  
 Carrego Esperança  
 que a manhã já vem.  
 Rego desertos  
 e terras férteis.  
 Tudo floresce.  
 Dizem que tenho mãos boas  
 para construir oásis.  
 A inexistência é uma certeza latente.  
 Daí a pressa das formigas, das cigarras e das gentes.  
 Mas há ainda a calma para as coisas miúdas  
 e grandiloquentes.  
 Silêncio uma vez ao dia  
 a mente,  
 porque sei que poeta  
 quando parte  
 leva a sina.  
 Deixa a arte. (BARRETO, 2020, no prelo)

Em primeira leitura, percebemos uma poesia em “trânsito”, proporcionada por um vaivém de imagens, acentos e pausas que se transferem dos elementos sonoros para os visuais. No poema há três momentos importantes: o primeiro, dos versos 1 a 7, mostra um eu poético ativo e participativo, cuja expressão se dá através dos verbos “estar”, “sentir”, “carregar” e “regar”, em primeira pessoa e no tempo presente, denotando um intimismo ao qual a realidade pandêmica obriga. É o “aqui estou”, mesmo que um tanto ensimesmado, mais à procura de um refúgio do que participando de alguma atividade fora do espírito que encontramos nessa parte primeira. Contudo, apesar de a voz poética “sentir muito”, ela ainda carrega alguma esperança que se materializa nas flores regadas, sendo essa, portanto, a ação maior desse eu poético: fazer florescer tanto no deserto quanto em terra fértil, desabrochar o sentimento.

O segundo momento, que vai dos versos 8 a 15, se dá no encontro da ação com uma reflexão: quando “dizem que tenho mãos boas para construir oásis”, a metáfora do

---

do RJ em 2018. É contista, poetisa, escritora de literatura infantil e mãe do Léo, de 13 anos. Dentre seus títulos poéticos publicados estão: *Entre nós* (2012), *Ofício* (2017) e *Mar em Mim* (2019). <http://www.cintiabarreto.com.br/>.

<sup>10</sup> Aline Maciel é Mestra e Bacharel em Letras pela UFSC. Integra a Cia Mafagafos junto com Sig Schaitel, com trabalhos nas áreas de contação de histórias, música, literatura e livros. Desenvolve o projeto de formação de leitores e mediadores “Ninho de Leitura”, publicou o livro *Cada um conta de um jeito* (2019). Atualmente, ministra oficinas de contação de histórias, realiza Tutoria Cultural para famílias com crianças e promove encontros do Clube de Leitura da Mafagafos, todos em formato online. Mãe da Luana, de 4 anos. <https://ciamafagafos.wordpress.com/>.

oásis funciona como uma fuga da dolorosa realidade. Também, nesse mesmo momento, é possível inferir a imagem de um eu poético que olha para suas próprias mãos e filosofa sobre as incertezas do eu: “A inexistência é uma certeza latente”. Essa “inexistência”, caracterizada, portanto, como uma ausência ou, melhor dizendo, como uma angústia, que, de acordo com Kierkegaard, está intimamente ligada ao espírito, cuja realidade efetiva “[...] se apresenta sempre como uma figura que tenta sua possibilidade, mas se evade logo que se queira captá-la, e é um nada que só pode angustiar” (KIERKEGAARD, 2011, p. 45), é o *tópos* desse poema. Essa angústia, que também é expressa pelo movimento rápido das formigas, das cigarras e das gentes, é contraposta à calma para as “coisas miúdas”, do verso subsequente. Este movimento da angústia que procura a calma é o próprio movimento de poema que se inicia com períodos curtos, se alternam com longos e voltam aos curtos, como se o eu poético quisesse marcar esses pensamentos.

A terceira e última parte (versos 16 a 21) dá continuidade ao movimento do poema, que volta aos períodos curtos e, coincidentemente, iniciam com “silêncio uma vez ao dia”, remetendo a uma tentativa de controlar a mente ansiosa que busca calma. E, por fim, como uma rendição, a voz poética expressa a certeza de que, mesmo frente às atrocidades causadas por tudo o que uma pandemia implica, a arte, como refúgio, se eterniza em poesia. Algo não muito diferente acontece no poema de Aline Maciel:

Pequenas canções me fazem feliz  
 Naquele minuto esqueço do porvir  
 Ouço e penso “não vou deixar a peteca cair”  
 E então eu seguro a minha onda  
 Pego jacaré, surfo na crista  
 Olho pro horizonte que me diz:  
 “Não desista!  
 Tem dia de chorar pitangas  
 Tem dia de pagar o pato  
 Tem dia de chutar o pau  
 Tem dia de chuva e tem dia de sol”  
 É aí que eu volto, dou um passo pra trás  
 Miro no alvo e... bola pra frente!  
 Tá tudo tão diferente  
 Às vezes água, às vezes vinho  
 Às vezes eira, às vezes beira  
 Não é o gongo que vai me salvar  
 Mas eu ponho a mão no fogo  
 Aumento o som e lembro:  
 Vai passar! (MACIEL, 2020, p. 77)

Este poema se movimenta, assim como o anterior, entre ações do eu poético e suas próprias reflexões. O poema traz cinco momentos que se complementam e que retornam como um círculo, haja vista que o título “Vai passar” é recuperado no último verso,

levando a uma sobreposição. No quesito da intertextualidade, não é difícil relacionar esse poema com a canção homônima de Chico Buarque, deixadas de lado as respectivas especificidades: ambos os textos são atemporais, uma vez que fazem sentido em qualquer época e em qualquer tempo, pois as relações tratadas são da ordem existencial e fenomenológica, mesmo que criadas em momentos específicos.

Desse modo, o presente poema trata de um eu poético que encontra na música o seu refúgio da realidade. Do verso 1 ao 6, definido, portanto, como o primeiro movimento que o poema faz, reconhece-se um eu poético atuante que tenta dar um sentido diverso àquela realidade através da música. Com aliterações em “s” e em sons nasais, a musicalidade é patente, reiterando a própria imagem da música ouvida pelo eu poético numa tentativa de esquecer o “porvir”. É nas “pequenas canções” que o eu poético se recolhe, se acomoda e encontra forças para não vacilar. Algo que também chama a atenção nesse primeiro movimento é o emprego de expressões metafóricas, utilizadas pelo senso comum, em oposição à linguagem mais elaborada, como “peteca cair” (verso 3) e “esqueço do porvir” (verso 2), que rimam entre si. O verso 4, “E então eu seguro a minha onda”, reitera a ideia do “não vacilar” compreendida no verso 3, dita de outra maneira, ou seja, “aguentar sem se perder”. Logo depois, o eu poético parece se tornar extremamente forte e conseqüentemente irônico a ponto de afirmar que, apesar de tudo, “surfa na crista da onda”, cujo significado pode ser entendido como “ter o domínio da situação”, como uma espécie de empoderamento, e é neste momento que há uma visão do futuro, revelada por um “horizonte” que se humaniza.

O segundo movimento do poema parte desse horizonte, metáfora de futuro, que aconselha o eu poético a não desistir. Do verso 7 ao 11 tem-se o momento reflexivo, quando se dá a aceitação da realidade e que é cadenciada nos versos 8, 9, 10 e 11. O eu poético passa pelo período de súplica ou reclamação (“chorar pitanga”), depois pelo da culpa (“pagar o pato”), pelo da raiva (“chutar o pau”) até chegar no da aceitação, quando ele percebe que há dias de “chuva” – tristeza/escuridão – e dias de “sol” – alegrias e luz. Para além dessas imagens, a musicalidade é percebida, logo de início, pela repetição da expressão “Tem dia de”, cuja função também é de reforçar a própria musicalidade.

O movimento terceiro se dá após essa aceitação da realidade pandêmica por parte do eu poético: / “É aí que eu volto, dou um passo pra trás” // “Miro no alvo e... bola pra frente!”. Ele aí pretende um retorno, como se procurasse a paz num tempo que já foi, num passado que já não existe mais, e novamente, então, tenta se agarrar a um futuro, que

é seu alvo e que o faz continuar na sua jornada, que novamente é marcada pela musicalidade, aqui demonstrada, entre outras, pela assonância da vogal “o”.

A quarta movimentação ocorre quando o eu poético se dá conta das mudanças que aconteceram nele e no seu próprio panorama, já que está “tudo tão diferente” (verso 14). Ele se percebe em constante deslocamento entre o passado, o presente e o futuro, imagem depreendida dos versos 15 e 16: / “Às vezes água, às vezes vinho” // “Às vezes eira, às vezes beira” /. A reflexão se finda quando esse eu poético se dá conta de que não foi “salvo pelo gongo” (/ “Não é o gongo que vai me salvar” /), por não ter conseguido evitar a situação (pandemia), já que isso estava fora do seu controle.

Por fim, no quinto e último instante, a voz poética, que se vê impotente, escolhe acreditar (“Mas eu ponho a mão no fogo” – verso 18) que, mesmo não tendo passado incólume, ela pretende continuar e assim, “aumenta o volume da música”, como forma de esquecer a realidade já que, impreterivelmente, “vai passar”.

Em se tratando da questão da produção em artes visuais de mães brasileiras, no geral, há a demonstração de situações que toda a população vivencia no contexto de isolamento social. O ambiente doméstico, o confinamento ocasionado pela perda da autonomia, apesar de ser considerado um privilégio por alguns, e o corpo à disposição do cuidado são temáticas recorrentes tanto na poética de artistas contemporâneas mães – em um processo de reflexão crítica sobre o papel social desempenhado mesmo fora do contexto de pandemia – quanto nas representações da maternidade presentes na história da arte e da literatura. Nesse contexto, principalmente a partir do século VIII, a figura feminina da mãe é entendida como membro unificador de um conceito de família que tem a casa como refúgio da vida pública, sendo os valores de cuidado inerentes a esse papel social (BADINTER, 1985, 2011).

**Figura 1.** *Esfolada*, de Márcia Falcão



**Fonte:** Acervo do colecionador Edmar Guirra. Imagem disponível no Instagram da artista.

As obras de artes visuais aqui apresentadas na Figura 1 – *Esfolada*, de Márcia Falcão<sup>11</sup> e na Figura 2 – *Composição com objetos da casa*, de Sula Freire<sup>12</sup> – são produções desse contexto pandêmico que nos trazem importantes reflexões e pontos de aproximação com as obras literárias apresentadas anteriormente.

Em tinta óleo sobre uma lixa usada, *Esfolada* traz um jogo de linguagem que parte da materialidade para se referir, metaforicamente, à condição do sujeito representado. Em uma leitura comparativa ao primeiro poema citado, enquanto a poeta situa a sua poética a partir de um território em “Aqui estou”, a artista se apresenta na centralidade de um

<sup>11</sup> Márcia Falcão nasceu, vive e trabalha nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro. Artista Plástica graduada em Pintura em 2010 pela UFRJ. O tema recorrente em sua obra tem sido a problemática feminina vista através de experiências pessoais tendo o Rio de Janeiro como cenário. Passeando pelo grotesco, assume a linguagem figurativa como meio de tecer críticas à contemporaneidade.

<sup>12</sup> Sula Freire é formada em Licenciatura em Artes Plásticas pela UFRJ e mestra em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRJ. Atua como professora de Artes Visuais do CAP/UFRJ e faz parte do Coletivo de Mães Ilustradoras. É mãe da Vívian, de 4 anos, e tem como foco de seu trabalho artístico o cotidiano e a sua relação com a maternidade.

retrato sem paisagem, sem sustentação, tendo apenas o fundo do material abrasivo como suporte, algo como “Eis-me aqui”. A densidade das pinceladas e de suas linhas volumosas só não é maior que a do cansaço e da frustração que transparecem na expressão dessa figura humana, que também “sente muito”, que conduz não apenas esperança, mas a exaustão de um corpo que carrega o peso do vazio, de um trabalho historicamente invisível e que é potencializado pelo contexto da pandemia.

O silêncio que o poema evoca no verso 16, “Às vezes eira, às vezes beira”, pode, praticamente, ser ouvido ao observar a mulher esfolada da pintura em questão. O eu poético está só, coloca suas ações e sentimentos em meio a uma situação com a qual precisa lidar. Na pintura, a mulher também está só. Uma solidão materna, presente nas discussões sobre o puerpério e na condição da mulher-mãe na sociedade, imagem que, quando trazida para o contexto do isolamento social imposto pela pandemia, exerce uma tensão tão forte que extrapola os limites do real e transborda no olhar da figura representada.

A nudez, situação intimista, também remete ao silêncio e à vulnerabilidade que esse corpo pode sofrer durante essa realidade. Porém, o ângulo no qual essa mulher é retratada, vista por uma perspectiva que parte do plano inferior, onde o olhar da personagem encontra o espectador, remete a uma alteridade. A escala desse ponto de vista também pode ser entendida como partida de uma criança que se volta para cima e encontra esse olhar materno angustiada, mas ainda confiante e consciente de sua função. O oásis pretensamente construído pelas mãos da poeta (“Dizem que tenho mãos boas”// “para construir oásis”/) também encontra aqui um sentido, como um momento de encontro da artista consigo mesma através desse fazer artístico, reafirmado pelo fato da obra se constituir em um autorretrato. Por fim, podemos relacionar os versos finais “porque sei que poeta / quando parte / leva a sina. / Deixa a arte” (versos 18 a 21) com o contexto da produção artística conciliada com maternidade, em uma produção fragmentada pelas urgências cotidianas. Quando a obra é finalizada ou interrompida, esse ser artístico se volta para sua sina de sobrecarga e acúmulo de funções potencializada por um momento histórico que um dia há de passar, mas deixa eternizada a sua condição nesse retrato. A arte permanece, registra e relata.

**Figura 2.** *Composição com objetos da casa*, de Sula Freire



**Fonte:** Imagem cedida pela artista.

Enquanto o isolamento é representado em *Esfolada* a partir da imagem de um corpo feminino e em espécie de autorretrato – de dimensão mais contida, em *Composição com objetos da casa*, é acrescentado volume à produção até que ultrapasse uma escala compatível com o ambiente arquitetônico, intensificando o espaço onde o corpo habita. A obra produzida em pastel oleoso sobre papel traz exatamente o que sugere, uma profusão de objetos domésticos selecionados a partir de um olhar minucioso sobre a lida do cotidiano no *locus* da reclusão, isto é, a casa. Esta que se revela nos detalhes de sua estrutura compositiva – relação entre cores frias e quentes, além do tamanho, da posição e da quantidade de objetos representados – frente a um contexto pandêmico que não fora vivido anteriormente.

Catalogados, esses objetos são apresentados de forma fluída, em escalas aleatórias e incompatíveis entre si. A partir dessa catalogação, é possível traçar um paralelo com o poema “Vai passar”, de Aline Maciel, em que também há uma espécie de inventário observado através das formas pelas quais mostra resistência ao formato de vida a que fomos submetidos pela pandemia entre ações e reflexões:

Pequenas canções me fazem feliz  
 Naquele minuto esqueço do porvir  
 Ouço e penso “não vou deixar a peteca cair”  
 E então eu seguro a minha onda  
 Pego jacaré, surfo na crista  
 Olho pro horizonte que me diz:  
 “Não desista!”

Observa-se, a partir da relação entre as duas obras, que enquanto a pintura projeta sensações da quarentena vivida sob as representações do que ocorre para além do corpo que habita o espaço doméstico, o eu poético volta a si, aos seus processos internos diante dos desafios propostos pelo novo contexto.

Existem quatro grupos de objetos retratados na obra, que propõem ações repetitivas com o corpo; estas podem passar despercebidas por um cotidiano que nos demanda outros focos: acender e apagar luzes, abrir e fechar torneiras, sentar e levantar, abrir e fechar portas. Porém, “/Tá tudo tão diferente/” (verso 14) e essa diferença começa justamente nas maçanetas e trancas que não mais se abrem com a mesma frequência. O que era movimento se transforma em estagnação. Os dispositivos tantas vezes acionados no interior do espaço habitado agora demandam um olhar mais contemplativo, a repetição toma conta da consciência e a intensidade dessa relação ultrapassa os limites do real, provoca a sobreposição das camadas múltiplas da existência e transborda em fazer artístico.

O registro da obra aqui apresentado, com enquadramento assimétrico e a presença do suporte no qual a obra se encontra - o chão da casa - além de reforçar a perspectiva de planificação dos diferentes elementos da imagem, também reforça o caráter doméstico. Da impossibilidade de uma digitalização mais elaborada, a atmosfera do isolamento social é reafirmada.

A redenção enunciada no segundo poema analisado, através da conclusão de que “vai passar” (verso 20), parece permear também a consciência da mão que produz essas representações pictóricas em *Composição com objetos da casa*. Essa consciência de um momento histórico que proporciona experiências nunca antes vividas cria a necessidade desses registros. Talvez, a mesma forma de encarar esses objetos não volte a se repetir, eles voltarão a ser tocados pelos olhos apenas por frações de segundos, dentro de uma rotina na qual os momentos e territórios serão reposicionados e as prioridades se voltarão para necessidades outras. Mas a arte, novamente, permanece.

No caso das obras aqui analisadas, sua permanência reflete justamente o momento em que vivemos, cujos espaços midiáticos, sobretudo das redes sociais, ganharam uma

força ainda maior de aproximação frente ao distanciamento social. É, especialmente, pelo virtual que esses trabalhos se materializam e circulam. As obras pictóricas, pelo *Instagram* das artistas, o poema de Cintia Barreto pelo *Facebook* da escritora, e Aline Maciel divulgou pelo *YouTube* a recitação de seu poema, e uma versão musicada, intitulada “Calma” (2020).

### **Considerações finais**

Buscamos, neste trabalho, refletir sobre como a produção artístico-literária de mulheres-mães podem contribuir com o processo de isolamento social, de mudanças emergenciais e de higiene que o período da pandemia nos impôs. Frente aos impactos gerados, em especial, no cotidiano dessas mulheres de vida já tão dura, acreditamos que a arte e a literatura podem, através dos seus desvelamentos de sentidos e significados, ressaltar a sensibilidade, o gosto pelo ofício e o sentido de permanência, dando voz e identidade às mesmas.

O isolamento intensifica a dor, o cansaço, a loucura e o êxtase do momento. No entanto, através das leituras das obras, podemos perceber como, nesse contexto, a produção artístico-literária pode trazer leveza e fantasia e, assim, inserir-se em um processo de pertencimento e afirmação de sua expressividade. Através da arte, a mulher se comunica e expressa emoções, desejos, afetos, olhares e inquietudes sobre si e seu contexto, que também é pandêmico, além de se posicionar como um corpo político. Sentidos nem sempre evidentes, mas que se tornam desmascarados em vista de suas realidades, papéis sociais e expressividades inerentes aos efeitos estéticos das obras analisadas.

Uma vez que o discurso da ciência médica nos impõe disciplina com as suas determinações sobre um corpo recluso, munido de hábitos e de medo de perecer, a arte se contrapõe, ao mesmo tempo em que se alia. Propõe-nos a viver um oásis ou numa casa fora de si, a transcender por “outros lugares” e indisciplinar-se. Em mesma medida, nos permite “sonhar com os pés no chão”, e se dirigir a favor do equilíbrio emocional. Diante do desafio de alinhar diferentes olhares e pontos de vista, em especial da literatura, das artes e da psicologia, alçamos voo frente à importância e urgência de nos ressignificar nesse contexto.

## Referências

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, E. *O Conflito: a mulher e a mãe*. Trad. de Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARRETO, C. Aqui estou. [no prelo]. Disponível em: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=10218293528230686&id=1265637170](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=10218293528230686&id=1265637170)  
Acesso em: 28 jan. 2021.

BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1995.

BROOKS, S. K. *et al.* The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet*, n. 395 (10227), p. 912-920, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30460-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30460-8/fulltext).  
Acesso em: 01 jul. 2020.

CANDIDO, A. “O direito à Literatura”. In: CANDIDO, A. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2017. p. 171-194.

DELFINO, J. “Querem o seu colo de Madona”: considerações sobre a representação do corpo materno. *Caderno Especial - Arte e Maternidades*. Revista Desvio: arte, memória e patrimônio. v. 4, n. 4, p. 216-232, 2019. Disponível em: <https://revistadesvioblog.files.wordpress.com/2019/09/colo-de-madona.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

ECO, U. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: cia das Letras, 1994.

FALCÃO, M. *Esfolada*. 2020. Pintura, tinta óleo sobre lixa. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CDEJuPWpDi\\_/?igshid=1e1cn7bfun3i6](https://www.instagram.com/p/CDEJuPWpDi_/?igshid=1e1cn7bfun3i6). Acesso em: 28 jan. 2021.

FISCHER, E. *A Necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

FREIRE, S. *Composição com objetos da casa*. 2020. Pintura, pastel óleo sobre papel. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B\\_qwrqppBik-ALdpVRQHY9D3y5jqY20WFDjVI0/?igshid=i13dxjx6yhbx](https://www.instagram.com/p/B_qwrqppBik-ALdpVRQHY9D3y5jqY20WFDjVI0/?igshid=i13dxjx6yhbx). Acesso em: 28 jan. 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%3%bade-Mental-e-Aten%3%a7%3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2020.

HAUSER, A. *História social da literatura e da arte*. Trad. de Walter H. Geenen. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

ISER, W. O Ato da Leitura: *Uma teoria do efeito estético* – volume I. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

MACIEL, A. Vai passar. *Revista Texturas*. v. 1, n. 3 (jul. 2020) – Florianópolis: Oficina da Palavra Publicações, 2020.

MACIEL, A. Vai passar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=szfDMhiEurE> Acesso em: 28 jan 2021.

MACIEL, A. et al. Calma. Disponível em: <https://youtu.be/CzqSRq9qY9s>. Acesso em: 28 jan 2021.

POLIGRAFIA. Rio de Janeiro, 31 março 2020. Disponível em: <https://poligrafia.me/2020/03/31/literatura>. Acesso em: 03 jul. 2020.

SANT'ANA, G. et.al. Pandemia sob foco. *POLIGRAFIA*. Rio de Janeiro, 31 março 2020. Disponível em: <https://poligrafia.me/2020/03/31/literatura-em-tempo-de-epidemia/>. Acesso em: 03 jul. 2020

SHOHAT, Ella. A vinda para a América: reflexões sobre perda de cabelos e de memória. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 99-117, jan. 2002.

TODOROV, T. *A Literatura em Perigo*. Trad. de Caio Meira. Rio de Janeiro: DÍEFEL, 2009.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.